



“Publicar ou perecer”? Três dimensões das publicações acadêmicas na pesquisa em Comunicação¹

‘Publish or perish’: Three dimensions of academic journals’ publishin in communication research

Publicar o perecer? Três dimensiones de las publicaciones acadêmicas en la investigación en comunicación

Luis Mauro Sá Martino – Cásper Líbero | São Paulo | SP | Brasil. E-mail: imsamartino@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5099-1741>

Resumo: Anualmente, mais de mil artigos são publicados em 54 periódicos na área de Comunicação. Mas qual o significado de toda essa produção para o desenvolvimento das pesquisas na Área? A partir de pesquisas empíricas e bibliográficas anteriores, este artigo apresenta um delineamento crítico sobre alguns aspectos da produção em periódicos na pesquisa em Comunicação. Três pontos são destacados: a) como espaço institucionalizado de publicação, os periódicos incidem sobre as definições institucionais e epistemológicas da área; b) o número de artigos e revistas reflete o desenvolvimento da área, mas também a crescente demanda por produção que se transforma em produtividade e, no limite, “produtivismo”; c) embora o processo de avaliação por pares garanta a qualidade das pesquisas, mostra também algumas fragilidades do diálogo teórico da Área. Esses aspectos são pensados partir de questões epistemológicas da Comunicação.

Palavras-chave: periódicos acadêmicos; epistemologia; trabalho acadêmico.

Abstract: Every year, 54 Brazilian Communication Journals publish more than one thousand papers. What is the meaning of this production to the field’s development? Grounded on previous empirical research on the journals’ themes and ‘focus and scope’ sections, this paper outlines some aspects of their place in Communication research, by highlighting three points: a) as a place to present new research, journals shape some of the epistemological issues of the area; b) the number of papers and journals mirrors the area’s development, but also reflects the increasing demand for production; c) editorial process assures the research reliability, yet it creates a demand for additional work and might increase the area’s epistemological gaps. These elements are framed in the contemporary debate on communication epistemology.

Keywords: academic journals; epistemology; academic labour.

¹ Uma versão anterior deste trabalho foi apresentada ao GT Epistemologia da Comunicação, do 30º Encontro Anual da Compós. O autor agradece as críticas e contribuições de todas e todos. Este trabalho é realizado com auxílio do CNPq – Processo 311528/2019-8.



<https://doi.org/10.22484/2318-5694.2023v11id5203>





Resumen: Anualmente se publican más de mil artículos en 54 revistas del ámbito de la Comunicación. Pero, ¿cuál es el significado de toda esta producción para el desarrollo de la investigación en el Área? Con base en investigaciones empíricas y bibliográficas previas, este artículo presenta un esbozo crítico de algunos aspectos de la producción en revistas de investigación en Comunicación. Se destacan tres puntos: a) como espacio de publicación institucionalizado, las revistas se enfocan en las definiciones institucionales y epistemológicas del área; b) la cantidad de artículos y revistas refleja el desarrollo del área, pero también la creciente demanda de producción que se convierte en productividad y, en última instancia, en “productivismo”; c) si bien el proceso de revisión por pares garantiza la calidad de la investigación, también muestra algunas debilidades en el diálogo teórico del Área. Estos aspectos son pensados desde las cuestiones epistemológicas de la Comunicación.

Palabras clave: periodicos acadêmicos; epistemologia; trabajo academico.

Recebido em: 20/03/2023
Aprovado em: 21/08/2023
Revisado em: 21/12/2023



1 Introdução

“Um trabalho? Um posto universitário, é isso que você quer, Appleby?”

“Sim, eu –”

Eu estava prestes a mencionar delicadamente a possibilidade de abertura de uma vaga no Departamento devido ao novo cargo de Bane, quando Briggs continuou, com ênfase surpreendente:

“Então, tenho apenas um conselho para você, Appleby. Publique! Publique ou pereça! É assim que é as coisas funcionam no mundo acadêmico hoje em dia” (Lodge, 2005, p. 9)²

Publicada originalmente em 1965, “The British Museum is falling down”, de David Lodge, refletia as mudanças pelas quais a vida universitária inglesa passava naquele momento. A exemplo de suas correlatas dos Estados Unidos, as universidades na Inglaterra começavam a valorizar a publicação como índice de qualidade do ensino e pesquisa. A epígrafe destaca o momento em que Briggs, professor do Departamento de Literatura Inglesa, assume essa mudança no conselho ao seu jovem orientando, Appleby. Nas décadas seguintes, essa prática se tornaria padrão, inclusive no Brasil.

É possível começar este texto partilhando uma inquietação que talvez atinja outras pesquisadoras e pesquisadores em Comunicação: dos mais de mil artigos publicados anualmente nas 53 revistas acadêmicas da Área, quantos são lidos por mais alguém além dos editores e pareceristas? A estimativa é obtida multiplicando o número de revistas por duas edições anuais, com uma média de dez artigos cada. A quantidade pode ser bem maior, na realidade, quando se leva em consideração que muitas publicações são quadrimestrais e o total de artigos por edição ultrapassa esse número.

Exceto por alguns, talvez, quantos artigos vão realmente atingir um “fator de impacto” relevante, sendo citado por outras pesquisadoras e pesquisadores? O volume de artigos torna impraticável acompanhar a produção dos colegas, mesmo sobre temas específicos, salvo interlocutores mais próximos ou de nomes com produção consagrada a respeito do assunto. Isso pode levar a alguns questionamentos: acompanhando França e Prado (2013), seria possível perguntar para que se escreve e publica tanto se as métricas indicam um volume baixo de referências a artigos – o que permitiria supor um índice igualmente pequeno de leitura.

Este artigo segue esse questionamento em outra direção: qual é o lugar das revistas acadêmicas na configuração epistemológica da Área de Comunicação?

² “A job? A university post, is that what you want, Appleby?” “Yes, I – ” I was about to allude delicately to the possibility of a vacancy in the Department, caused by Bane’s new Chair, when Briggs went on, with startling emphasis: “Then I have only one word of advice for you, Appleby. Publish! Publish or Perish! That’s how it is in the academic world these days” (Lodge, 2005, p. 9).



Considerando-se a publicação ininterrupta de revistas desde os anos 1970, qual seu espaço na Área, no sentido de delimitar objetos, indicar recortes temáticos ou problemáticas conceituais?

Essas inquietações de início nascem de duas fontes. Primeiro, são retomadas e desenvolvidas aqui as reflexões sobre o material empírico apresentado previamente (Martino, 2020), no qual são levantados os temas, foco e escopo das revistas, bem como sua distribuição regional e temporal. A partir das pertinentes críticas e comentários recebidos na ocasião (Silveira, 2020), desenvolvem-se outras reflexões sobre o objeto empírico. Segundo, da atividade na edição de dois periódicos acadêmicos da Área – experiência limitada em sua singularidade, mas que pode refletir problemas comuns a outras publicações.

A partir disso, destacam-se três pontos de inflexão para discussão: a) como espaço de apresentação de pesquisas, os periódicos incidem sobre a definição das questões epistemológicas da área; b) o número de revistas em circulação, bem como o de artigos publicados anualmente, reflete o desenvolvimento da área, mas também a crescente demanda quantitativa por produção; c) o processo editorial busca garantir a qualidade das pesquisas, mas requer trabalho adicional e pode ampliar algumas das lacunas epistemológicas da área.

Revistas científicas apresentam os saberes formados historicamente no desenvolvimento de um espaço disciplinar. São, por isso, lugar de constituição de uma mirada epistemológica a respeito de uma área, destacando suas matrizes de produção científica – os temas, teorias e conceitos, métodos utilizados, a bibliografia em circulação e sua autonomia relativa diante de outras áreas. A título de ilustração, a afirmação da Sociologia como ciência está ligada à fundação, por Durkheim, de *L'Année Sociologique*, assim como *Les Temps Modernes* foi o lugar das ideias de Beauvoir e Sartre; modos de pensar uma disciplina foram propostos e defendidos em publicações como a *Revue des Annales*, por Bloch e Febvre (e, mais tarde, por Braudel), no caso da História, ou da *Actes de recherche en sciences sociales*, por Bourdieu, na Sociologia. É nesse sentido, pensando as revistas como pontos nodais em um campo acadêmico, que se desenvolve o artigo.

Este texto se insere na trilha de pesquisas anteriores sobre o lugar das revistas na formação epistemológica e institucional de uma área. Günther e Emese (2017), por exemplo, delineiam as perspectivas da área de Comunicação nos países anglo-saxônicos a partir da análise de periódicos, mostrando como os artigos se tornam, ao longo do tempo, indicadores do perfil assumido por um campo de estudos, em sentido semelhante ao feito por Stumpf (1996; 2003) ou Romancini (2004) com as publicações brasileiras. Wakeling (2019), analisando outras áreas, chegam a uma conclusão semelhante sobre a relevância da publicação na delimitação dos contornos de uma comunidade acadêmica.



Vale uma nota sobre as referências deste texto. Debates sobre o lugar dos periódicos nas questões epistemológicas e institucionais estão presentes em outras áreas do saber, com as quais o campo acadêmico da Comunicação, na perspectiva de Lopes (2001; 2006) partilha alguns problemas. Se, como afirma Bourdieu (2006, p. 18), “nada é mais universalizável do que as dificuldades”, observar problemas correlatos em outro campo pode levar a novas reflexões – razão pela qual este texto dialoga com artigos de áreas às vezes distantes da Comunicação e mesmo das Humanas.

2 A dimensão institucional: as revistas e a circulação de conhecimento

Em termos absolutos, os números sugerem uma ampla vitalidade da pesquisa em Comunicação: mais de quarenta anos de publicações ininterruptas, uma produção de mais de mil artigos por ano, distribuídos em 53 periódicos vinculados aos Programas de Pós-Graduação em Comunicação ou associações de pesquisa como a Compós, a Abrapcorp, a Compólítica e a Intercom.

Ao mesmo tempo, esse volume de produção também reflete demandas institucionais de publicação, importantes tanto na avaliação tanto dos PPGComs quanto de pesquisadoras e pesquisadores individuais.

Nas listas de e-mails das entidades e associações da área, as chamadas de trabalho e os avisos de publicação de novos números se sucedem com frequência, indicando a atividade existente para manter essa circulação de saberes – Oliveira *et al.* (2020) em um editorial provocador, especulam “e se os editores de revistas parassem?”. Podemos estender essa provocação: o que as revistas representam como espaço de visibilidade pública do conhecimento produzido? Para delinear essa questão, sem a pretensão de uma resposta, é necessário repensar o lugar das revistas nos circuitos de circulação do saber na Área de Comunicação, examinando algumas de suas condições institucionais de produção e as implicações decorrentes na pesquisa.

Um aspecto inicial para pensar o lugar das revistas acadêmicas na pesquisa em Comunicação é uma característica destacada por levantamentos feitos em diferentes momentos, por exemplo, por Romancini (2004) ou Martino (2012; 2018; 2020): a área está mais ligada a uma tradição de referências pautadas em livros, não em artigos.

Isso leva a outro questionamento: se a recepção de novas ideias é sobretudo a partir de livros, qual seria o lugar dos artigos no circuito de divulgação do conhecimento? Os esforços de publicação não poderiam ser direcionados, com mais relevância, para esse tipo de produção? Um crítico apressado talvez visse a situação como paradoxal: escrevemos artigos, mas lemos livros.



No universo anglo-saxônico, algumas das principais contribuições teóricas à Comunicação foram originalmente publicadas em periódicos acadêmicos – por exemplo, o modelo de Lasswell, a hipótese do “Agenda-Setting” ou a “Espiral do Silêncio”. Reunidos posteriormente em coletâneas ou “*readers*”, trazem geralmente a marca dessa origem, adequada tanto à circulação acadêmica quanto ao mercado editorial. No Brasil, por outro lado, a chegada e recepção de ideias acontece tendo o livro como principal meio de acesso.

Essas diferenças podem ter suas origens localizadas na infraestrutura de publicação acadêmica, como indicam Lagoze *et al.* (2015). Enquanto no universo anglo-saxão muitos dos periódicos são publicados por empresas, traduzindo-se em uma atividade altamente monetizável (taxas de submissão e/ou revisão, acesso restrito), as publicações brasileiras de Comunicação estão vinculadas a Programas de Pós-Graduação e Associações de Pesquisa, nem sempre dotadas de recursos específicos para a atividade – Oliveira (2020) destaca esse ponto ao questionarem os aspectos avaliativos das publicações. Não por coincidência, Ganter e Ortega (2019) indiquem a “invisibilidade” da produção latino-americana sobre mídia e comunicação na Europa: essas dificuldades de gestão e algumas de suas consequências também são apontadas por Vaz, Almeida e Bassani (2010) ou Guedes (2018) e Pinho, Cabral e Rigo (2018).

Em linhas gerais, essa situação deriva de uma dupla matriz de política científica à qual a Comunicação está ligada: de um lado, a tradição da “obra”, entendida como livro; de outro, a ascensão e consolidação da revista acadêmica como espaço de divulgação de ideias. Vale, para compreender essa dupla matriz, retomar alguns aspectos da publicação em periódicos a partir de suas origens. Não se trata de fazer um histórico das revistas acadêmicas, mas rever sua contribuição ao desenvolvimento de uma área do saber.

Como o nome sugere, o princípio de um periódico é sua relação com o tempo: originalmente, trata-se do apanhado geral (“revista”) das descobertas e novidades durante um certo momento. É, portanto, o signo da novidade e da duração que rege, em primeiro lugar, as publicações acadêmicas. Essa temporalidade não se resume à atualidade: o fato de ser um instantâneo do momento de uma área torna a um arquivo do pensamento da Área, espaço discursivo no qual se podem localizar as questões institucionais, epistemológicas e pedagógicas relacionadas à produção de saber de uma época – em sentido relativamente próximo ao dado por Derrida (2002) à noção de “arquivo”.

Isso permite compreender as revistas não apenas como registro do momento presente, mas também como lugar para elaboração de uma arqueologia do pensamento da área, seus movimentos, tendências e tomadas de posição, as ideias desenvolvidas ou abandonadas ao longo do tempo, controvérsias e disputas específicas.



Espaço de constituição discursiva dos pressupostos epistemológicos de uma Área, as revistas acadêmicas ao mesmo tempo refletem um momento atual, inserem-se em uma genealogia e reincidem sobre o próximo no sentido de informar os estudos posteriores. Nas palavras de Ivo (2020, p. 2):

A produção do conhecimento, portanto, está necessariamente associada à publicação de seus resultados e à crítica pelos pares. Essa relação entre conhecimento, comunicação científica e esfera pública (dentro e fora da academia) tem implicações epistemológicas e institucionais sobre o processo de preparação de uma revista científica, e envolve uma ética do trabalho que preside a natureza das decisões e a definição de competências entre os diferentes atores que integram o processo de produção editorial: autores, revisores, financiadores, equipe técnica de gestão, editores e corpo editorial.

À beira do truísmo, é esperado que os artigos publicados nas revistas de uma área representem a produção de pesquisa e reflitam também o entendimento da área a respeito de si mesma, suas problemáticas constituintes, temas pertinentes, modos de pensamento e formulação de questões consagradas.

Certamente isso poderia se aplicar também aos livros, ou mesmo aos anais de eventos, marcados também, neste último caso, pela periodicidade. No entanto, historicamente, o espaço de publicação nos periódicos se reveste de uma importância e uma legitimidade maior – e isso está ligado a uma concepção política de conhecimento.

Acompanhando Febvre e Martin (2018), as revistas acadêmicas surgem quando o campo editorial ainda se encontrava em sua gênese, momento de tateamento e experimentações. A ideia do “periódico acadêmico” para divulgação pública das descobertas científicas está desde o início ligado à concepção de uma política científica: trata-se de uma decisão ministerial, apoiada pelo rei Luís XIV da França de instituir o “Journal des Savants”, mais ou menos na mesma época em que a Sociedade Real Inglesa começava a publicar suas “Transactions”, originalmente um apanhado das trocas de cartas entre seus membros comunicando descobertas ou discutindo concepções sobre ciência.

Ainda longe de uma distinção precisa entre “ciências naturais” e “humanidades”, essas publicações originárias dedicavam-se sobretudo à primeira, entendida como “filosofia natural”, pautada na experimentação e na divulgação dos resultados – início do que seria entendido mais tarde como “método científico”.

Na construção genealógica do que se convencionou chamar de “Humanas”, o impacto dessas publicações parece ter sido consideravelmente menor: a Filosofia, e mais tarde disciplinas como a Psicologia e as Ciências Sociais, com algumas exceções, fundamentam-se mais na circulação a partir do livro do que no artigo.



A partir da segunda metade do século XIX, no entanto, consolida-se progressivamente a adoção do modo de publicação das ciências “duras” também nas Ciências Sociais, levando ao modelo de atividade acadêmica pautada nos artigos, como lugar de apresentação de novidades e controvérsias. A transposição desses procedimentos de publicação das ciências naturais para as humanas cria uma situação paradoxal de origem: o tipo de conhecimento produzido em cada uma delas é diferente, e requer um tipo de apresentação diverso – não é coincidência que o livro, não o artigo, seja a matéria-prima dos modos de pensar nas Humanidades, dado o espaço necessário para a argumentação.

Em outro nível, seria possível perguntar se os periódicos de Humanas poderiam cumprir a atividade original de divulgar as “descobertas”: o termo não parece próximo do âmbito das Ciências Sociais – seria possível falar em “descobertas” na Comunicação? Mesmo os rigorosos trabalhos empíricos publicados nos *journals* de mídia e comunicação do universo anglo-saxônico, pautados em estatísticas, análises quantitativas e desenhos experimentais parecem apresentar problemas no sentido de informar pesquisas posteriores, dada a dificuldade de reproduzir condições próximas ou idênticas de aplicação.

Apesar dessas contradições de origem, observa-se a consolidação da revista como espaço de divulgação da produção da Área. Isso significa, igualmente, pensar como isso se reflete na demanda por publicações e nas práticas editoriais implicadas, exploradas nos dois próximos itens.

3 A dimensão da produção: entre produtividade e produtivismo

Bianchetti e Machado (2009), em um artigo sobre a produção acadêmica na área de Educação, discutem as origens e significados da expressão “publish ou perish”, traduzida, com alguma manutenção da aliteração fonética original, como “publicar ou perecer”. A expressão, originária do universo acadêmico anglo-saxão, refere-se à necessidade de manter um volume regular de publicações em periódicos científicos qualificados, apresentando os resultados de pesquisas constantes (o “publish”) sob risco de perder o prestígio entre os pares, menor possibilidade de competir por bolsas e financiamentos e, no limite, perda de posições institucionais (o “perish”). Holton (1979, p. 176) menciona a avaliação quantitativa de publicações em termos de “pressões e esperanças” sobre pesquisadoras e pesquisadores, situando sua origem em relatórios dos indicadores de produção científica nos Estados Unidos no início dos anos 1970, rapidamente transformados em critérios tanto para financiamentos quanto em termos da imagem pública da ciência.



Mesmo em uma situação excepcional como a da pandemia do COVID-19, Guinart e Filippis (2021) identificam um número “quase surreal” de publicações sobre o tema em um curto espaço de tempo, destacando os “projetos de pesquisa ultra-fatiados”, “baixos padrões metodológicos” e um “treinamento pobre para pesquisadores iniciantes” como resultado de uma “cultura tóxica de publicações”. Vale discutir essa afirmação.

O sistema de definição das qualidades e características de uma produção acadêmica são objeto de análises críticas por várias autoras e autores, sobretudo na área de Educação. Trabalhando a partir de perspectivas diferentes, Bianchetti e Machado (2007; 2009), Zuin e Bianchetti (2015) e Kuhlmann Jr. (2014; 2015) concordam com a necessidade de publicação e divulgação das pesquisas realizadas no meio universitário, mas questionam a pertinência de um sistema pautado em métricas avaliativas de caráter quantitativo. O “publish or perish” é pensado dentro de uma lógica de produção na qual as demandas institucionais cruzam-se com as possibilidades de realização de uma pesquisa dentro de padrões de qualidade ligados ao reconhecimento esperado entre os pares, e, em outra proporção, pela sociedade (Hagström, 1974).

A implantação de índices de avaliação a partir da quantidade de publicações, recordam Zuin e Bianchetti (2015), está ligada à transformação no modelo de pós-graduação adotado pelas universidades brasileiras a partir das diretrizes das agências e instituições reguladoras. Segundo os autores, há uma mudança da pós-graduação *strictu sensu* voltada para a formação de docentes para o ensino superior, predominantes entre os anos 1970 e 2000, para outro, pautada na atividade de pesquisa. Ao que tudo indica, essa passagem aconteceu de maneira um pouco abrupta, com uma demanda mais ou menos repentina de índices de produtividade dos docentes de programas de pós-graduação. Pesquisar, e, sobretudo, publicar: a visibilidade da pesquisa demanda sua divulgação nas publicações científicas. A atividade docente na pós-graduação passa a estar ligada à realização de pesquisa: leciona-se o que se está pesquisando. As atividades formativas, de orientação, atuação didática ou de incentivo ao ingresso na atividade acadêmica certamente continuaram contando, mas perderam espaço em termos de avaliação individual e institucional.

Bourdieu (1983; 2016) em suas análises do campo científico, destaca o entrelaçamento entre as disputas pelas proposições epistemológicas em circulação e as condições específicas de sua produção: a passagem da atividade-fim da pós-graduação, da formação docente para a pesquisa, implica também uma reconfiguração nas dinâmicas desse campo, bem como nas posições relativas de seus agentes – uma posição definida, em parte, a partir da atribuição de um valor específico às publicações.



Isso talvez seja um dos fatores para compreender o crescimento do número de revistas acadêmicas na Área de Comunicação a partir dos anos 2000: se, de um lado, elas acompanham o aumento no número de PPGComs, traduzem também uma demanda de espaço para a publicação de um volume crescente de pesquisas.

Até o ano 2000, havia um total de 16 periódicos na Área. Nos vinte anos seguintes, esse número subiria para as 53 atuais, indicando tanto a demanda por publicações quanto a necessidade de espaços para essa produção.

Esse momento corresponde também a uma maior fragmentação das temáticas das publicações: se, até 2000, havia um predomínio do tema “Comunicação”, a partir dessa data aparecem outras ramificações, dedicando-se a temas como o jornalismo (revistas REBEJ, Pauta Geral, Estudos de Jornalismo e Mídia), cinema (Devires), Comunicação Organizacional (Organicom), política ou economia política (Eptic, Compolítica).

Ao mesmo tempo em que a área de comunicação parecia se consolidar, as diferentes concepções a respeito de seu significado enquanto área do saber também ganhavam espaço, sobretudo na definição da cobertura temática específica. Nas publicações sobre Comunicação nota-se um predomínio dos estudos de mídia, em uma acepção consideravelmente ampla do termo, envolvendo aspectos de produção, indústria, linguagem e recepção.

O aumento no número de títulos não significou apenas uma expansão horizontal, mas também, rapidamente, uma verticalização da organização das revistas a partir de sua avaliação: o espaço de publicação se torna hierarquizado, e publicar nesta ou naquela revista passa a ser também um objeto de preocupação. Após algumas métricas de avaliação propostas no início dos anos 2000, o índice Qualis, se afirma a partir da segunda década como o principal instrumento de avaliação das publicações.

Isso se reflete também nas perspectivas de avaliação. Essa perspectiva se manifesta a partir de duas métricas complementares, que valem ser mencionadas em seu entrelaçamento.

De um lado, ao conjunto de publicações de uma pesquisadora ou pesquisador é atribuído um número de pontos resultante do índice Qualis, desenvolvido pela Capes, da revista onde o texto é publicado. Isso faz com que existam várias combinações possíveis para que se possa atingir uma determinada pontuação, indicando a possibilidade de desenvolvimento de estratégias acadêmicas de publicação pensadas a partir de algumas variáveis – por exemplo, o valor atribuído a uma publicação Qualis A1 podem ser obtidos, digamos, por mais artigos publicados em uma revista avaliada como B1. A publicação em revistas de extratos mais altos é mais desejável, mas também pode implicar em um tempo de avaliação maior dado o volume de artigos encaminhados – e um maior risco de rejeição. Por outro lado, é



possível manter uma pontuação considerada satisfatória a partir da publicação de um número maior de artigos em revistas com índice Qualis de outros extratos.

Isso implica, no entanto, produzir e submeter uma quantidade maior de artigos por ano, definindo um tempo para isso em meio às demais atividades universitárias e pessoais. Sua tradução mais corrente, e negativa, seria na indicação do “produtivismo”, discutido por Zuin e Bianchetti (2015), como efeito da ênfase sobre a produtividade: a demanda pela escrita e publicação levaria a uma diminuição na qualidade dos trabalhos, tendo como decorrência a autorreferência, repetições e, no limite, o auto-plágio, recorda Kuhlmann Jr. (2014; 2015). Não se trata, nesse caso, de projetos voltados para compreender, em diferentes etapas, um problema, mas da reprodução, com pequenas variações, do mesmo trabalho.

Por outro lado, há uma crescente valorização do chamado “fator de impacto” de um artigo como índice de qualidade, entendida, em linhas gerais, a partir do número de citações do texto. Essa perspectiva, de alguma maneira, parece buscar corrigir o aspecto estritamente numérico do critério anterior, baseado na pontuação, definindo a qualidade do texto por sua repercussão: ao ser citado, presume-se um impacto na área de pesquisa – Levine (2010) apresenta um sumário desse procedimento, com detalhamentos para além do escopo deste texto. Esse, talvez, seja o foco da questão: de toda a produção publicada, é possível perguntar qual porcentagem terá efetivamente uma repercussão na pesquisa em Comunicação no sentido de se tornar objeto de diálogo crítico com novas pesquisas.

Nesse momento é possível questionar até que ponto existe realmente uma relação entre a quantidade de citações e o impacto de um artigo, sua capacidade de propor novos olhares discutidos pelo campo: o fato de um texto ser citado muitas vezes não indica necessariamente sua apropriação como objeto de debate, crítica ou desenvolvimento em outros textos. Essa repercussão parece ocorrer apenas de maneira ocasional, sugerindo que a quantidade de citações pode significar uma menção episódica ou de referência, sem um maior tensionamento ou problematização. Ao que parece, os “milestone papers”, como definidos no ambiente acadêmico anglo-saxônico, são raros nessa lógica de produção.

Talvez com algo de paradoxal, essa perspectiva indica algo expresso no título do artigo de Bianchetti e Machado (2009) mencionado: é possível, ao mesmo tempo, publicar e perecer (“publish *and* perish”) na medida em que nem a quantidade de publicações nem o fator de impacto parecem significar, *a priori*, uma efetiva contribuição à Área. Dani (2010), em um contexto diferente, indica também o que denomina a “armadilha de publicar e perecer” tendo em vista a repercussão do texto acadêmico nas dinâmicas de publicação e recepção.



Esse processo de crescimento e ramificação significa também um aumento nas demandas de atividades docentes, tanto na criação dos artigos quanto também nas atividades de edição e elaboração de pareceres nos processos implicados na publicação de um periódico acadêmico.

Isso leva ao próximo item.

4 A avaliação por pares: a “caixa preta”: da publicação em periódicos

Brait *et al.* (2020, p. 3) destacam o processo de produção de uma revista acadêmica como dialógico, na perspectiva de gerar novos aspectos na prática acadêmica:

Na interação com esses sujeitos – artigo e autor, o parecerista realiza uma compreensão responsivo-ativa: ele interroga, faz objeções, sugere complementações, concorda, refuta ou rejeita afirmações [...] Sua compreensão é ativa e criadora.

A publicação de revistas científicas não se encerra apenas nos trabalhos de escrita. Quando se fala em produtividade ou produtivismo, a referência são as condições de trabalho de autoras e autores, mas isso afeta diretamente também editoras e editores de revistas, bem como o corpo de pareceristas. Levando em conta a estimativa de mil artigos publicados anualmente, pode-se presumir a atividade de editoras e editores para designar ao menos dois mil pareceristas (se dois pareceres forem suficientes para a avaliação; nos casos de pareceres conflitantes, aciona-se, geralmente um terceiro ou mesmo um quarto avaliador. Segundo Ivo (2020, p. 4), editar uma revista relaciona “atividades-fim, de produção do conhecimento, atividades-meio, na gestão do fluxo, distribuição, financiamento e estoques, e atividades de produção editorial- gráfica, que dão forma ao produto final”.

Estão fora dessa conta os textos submetidos e enviados para avaliação, mas não indicados para publicação – embora não cheguem às páginas das revistas, mobilizam o trabalho de editoras, editores e pareceristas. As questões de produtividade, longe de se encerrarem no momento da escrita, se ramificam em atividades espalhadas por toda a Área.

Esse processo, dentro do sistema “duplo cego”, no qual autores e avaliadores não são conhecidos no processo de avaliação, raramente é tematizado, constituindo de certa maneira uma espécie de “caixa preta” do sistema de avaliação, como ressaltou Silveira (2020) em comentário a uma primeira menção a este tema (Martino, 2020). Se não cabe aqui discutir os méritos ou problemas específicos dessa forma de avaliação, cabe, no entanto, observar que aí residem algumas questões referentes à circulação do conhecimento em revistas científicas.



O fato de autoras e autores ignorarem quem vai avaliar seus textos (e vice-versa) certamente contribui para diminuir a personalização desse momento, evitando atritos e criando uma distância entre avaliação acadêmica e julgamento pessoal – a crítica não se dirige à pessoa, mas ao texto, embora possa ser difícil separar uma coisa da outra quando se leva em consideração o investimento subjetivo existente na prática de pesquisa (Martino; Marques, 2018).

A atividade de elaboração de pareceres acadêmicos é geralmente agregada às atribuições de docentes de pós-graduação *strictu sensu* sem uma maior preparação para tal: não se treina para ser avaliador ou avaliadora de artigos, e as problematizações, mesmo na literatura específica sobre escrita acadêmica, são raras.

Assim como não se entra na vida acadêmica primariamente para se tornar coordenador de cursos ou orientadora de pesquisas, a atividade de avaliação costuma ser designada sem maior preocupação a respeito dos critérios ou preparação para tanto. Espera-se que um bom pesquisador ou pesquisadora seja igualmente apto a escrever pareceres. Como indica Fonseca (2015, p. 557) “entendemos que muitas vezes um pesquisador, que em dado momento ocupa o espaço de autor, não sabe natural e necessariamente ocupar o espaço de avaliador”. Essa posição é seguida por Araújo (2012a, p. 32) ao afirmar que “os periódicos científicos pouco publicam sobre a temática e oferecem poucos subsídios para que os pares possam desempenhar essa função”.

A avaliação de uma pesquisa, o questionamento de seus pressupostos e derivações por pessoas capacitadas em uma condição de igualdade está na origem do desenvolvimento da ciência moderna: a formação de um “espírito científico”, no sentido de Bachelard (2006), está relacionada à possibilidade de fazer uma ideia passar pelo crivo racional de colegas especialistas no mesmo assunto.

Isso não precisa significar, necessariamente, que o especialista em um assunto seja um bom avaliador: a crítica tem uma dimensão dialógica e formativa em termos da elaboração de um conhecimento que ultrapassa os limites pessoais para se integrar à polifonia de saberes em um campo. A avaliação crítica, nesse sentido, não tem – ou não precisaria ter – um aspecto negativo, mas, dentro de uma perspectiva agonística, contribuir para a melhoria da pesquisa e, com isso, da área.

No folclore dos corredores e cafés das universidades – observação não sistemática, mas não menos sintomática das práticas de uma Área – é comum ouvir relatos sobre pareceres que se limitam a dizer que o artigo “estava ruim” (sem indicar como melhorar), que determinada perspectiva estava “errada” (deixando de mencionar qual seria a “certa”), exigem mudanças de acordo com as preferências do avaliador (deixando de lado a pluralidade tensional da área) ou do desacordo entre pareceres (“um foi só elogios, o outro acabou com o meu artigo”).



Araújo (2012b, p. 677) indica que:

[...] na prática, há muita divergência entre os pareceres de revisores para um mesmo artigo, chegando, por vezes, a um extremo antagonismo – um revisor recomenda aceitação sem revisões, enquanto o outro indica rejeição sem chance de ressubmissão. Se fosse factível de ser devidamente testado, talvez se pudesse demonstrar que um revisor, dependendo de “seu momento”, possa tomar decisões bastante díspares para a avaliação de um mesmo artigo.

Isso leva a alguns questionamentos dentro de uma perspectiva epistemológica que se endereça à concepção de “ciência” e “produção de conhecimento” em jogo.

Uma pergunta seria a respeito do que significa um “erro” em uma pesquisa em Comunicação. Bachelard (2006) indica que o conhecimento de uma área se desenvolve a partir da “retificação” de erros a partir de novas pesquisas. No entanto, vale recordar que o autor se refere sobretudo às ciências naturais: na perspectiva das ciências interpretativas, o que efetivamente seria um “erro”?

Certamente é possível assinalar, em linhas gerais, problemas de interpretação ou de conhecimento da história intelectual do campo. No entanto, a refutação de uma interpretação se apresentaria como problemática nos processos de avaliação, visto que se trata sobretudo de elaborações construídas sobre uma pluralidade epistemológica com pontos mínimos de diálogo: mesmo dentro da mesma perspectiva teórica ou do estudo de uma autora ou autor não existem consensos a respeito de suas contribuições ou possibilidades de interpretação.

O que acontece, então, se o artigo é designado para um avaliador que efetivamente dialoga com a temática, mas não compartilha do mesmo ponto de vista? Embora referindo-se a um campo diferente, Vaz, Almeida e Bassani (2010, p. 10) apontam um problema também verificável na Comunicação: “É nesse mesmo quadro que precisamos, concomitantemente, qualificar nossos pareceres, às vezes muito adjetivos, com pouca análise, ou feitos sob a consideração de que o enfoque legítimo de um trabalho é apenas aquele adotado pelo próprio revisor”.

Esse tipo de problematização, ao que parece, raramente é colocado em debate. Uma das exceções, a partir da qual é possível levantar outros questionamentos, são os “esclarecimentos preliminares” publicados por Braga (2020) em um artigo sobre um artigo de André Lemos: o texto de Braga, conforme indica o autor, nasceu do parecer elaborado sobre a submissão do colega – evidentemente, sem saber a autoria:

Um terceiro ponto, necessário, é informar aos leitores que este texto foi inicialmente elaborado na forma de um parecer para efeito de publicação do artigo referido na revista *Galáxia*. [...] O parecer, reconhecendo a contribuição propositiva, foi inteiramente favorável à publicação. Evidentemente: diferenças de ideias não justificam solicitação de reformulações.



Esse talvez seja um ponto central na elaboração de pareceres com uma contribuição efetiva à área: a necessidade de pensar um texto a partir de seus pressupostos epistemológicos, mesmo quando diferem de uma perspectiva ou outra adotada por quem elabora a avaliação. É interessante observar não apenas o fato do parecer ter dado origem a um outro artigo, de elaboração e crítica (índice do “impacto”, efetivo, do primeiro texto), mas também o posicionamento indicado.

Como espaço de publicação e discussão, no tensionamento de saberes, o lugar dos pareceristas no processo de avaliação de texto se aproxima, como destaca Silveira (2020), do espaço do “gatekeeper”, o “guarda do portão” – o conceito, vindo das teorias do jornalismo, se refere à pessoa que decide quais fatos se transformarão em notícia. A aproximação entre o “gatekeeper” jornalístico e os pareceristas permite uma aproximação no sentido de pensar qual é o lugar dos avaliadores na definição das temáticas e aportes presentes na Área.

Evidentemente, presume-se que a designação de um avaliador seja planejada a partir de uma série de afinidades (temáticas, teóricas, metodológicas) entendidas pela editora ou editor de uma revista como critérios para o envio de um texto para avaliação. Esse movimento aciona uma série de procedimentos práticos de avaliação ancorados nos pressupostos epistemológicos em circulação na Área de Comunicação, responsáveis pela orientação da leitura dos avaliadores em relação ao texto à sua frente.

Talvez, em primeiro lugar, questionar o que é um artigo “de comunicação”: o fato de um texto falar de mídia ou interações e ser enviado para uma revista da área não significa, necessariamente, a existência de um aporte propriamente comunicacional. Isso gera outra pergunta, formulada a partir de Signates (2013): o que é um aporte “propriamente comunicacional”? A ausência de um consenso mínimo a respeito das concepções básicas da Área, debate corrente no campo, sobretudo em Peruzzo (2002), Martino (2003; 2005), Felinto (2007), Martino (2018), Pimenta (2011) ou Ferreira (2012), para mencionar apenas alguns, tende a se manifestar com força: um avaliador para quem um estudo “de comunicação” deve se dirigir à investigação sobre a mídia poderia recusar um artigo perfeitamente aceitável aos olhos de uma avaliadora com outra visão dos temas tratados pela comunicação; ao mesmo tempo, uma perspectiva amplamente inclusiva tenderia a colocar em xeque a especificidade de uma revista como sendo “de comunicação”.

Esse exemplo poderia se multiplicar na fragmentação das temáticas e pontos de vista existentes na área, índice de uma diversidade próxima da dispersão, como recorda Braga (2011). Se isso, de um lado, permite um amplo diálogo disciplinar com áreas externas à Comunicação, parece eventualmente criar problemas para as interlocuções internas à área, materializados, dentre outros lugares, nas avaliações.



5 Considerações finais

A contribuição das revistas acadêmicas à formação e dinâmica da área de Comunicação é múltipla, e não está isenta de algumas contradições que, de certa maneira, extrapolam as questões internas e se relacionam com problemas mais amplos das Ciências Sociais e, no limite, às questões de política científica em geral. O olhar sobre o panorama mostra uma considerável vitalidade da produção científica, representada pelo número de periódicos em circulação e de artigos publicados anualmente. Ao mesmo tempo, o processo de criação e manutenção dessas condições não está isento de contradições e problemas, referentes, entre outros aspectos, às demandas de produtividade, às dinâmicas internas do trabalho editorial e de avaliação e, mais ainda, à discussão sobre o lugar do artigo – em contrapartida ao livro – como forma de divulgação dos resultados de investigações em Comunicação.

O exame das revistas acadêmicas de Comunicação mostra um microcosmos das questões epistemológicas em circulação na área os debates sobre o objeto de sua delimitação, as justaposições, confrontos e atravessamentos disciplinares, a diversidade de perspectivas que, em sua fragmentação, apresenta-se operacionalmente como uma dispersão.

Essas problemáticas encontram sua materialidade no momento de publicação da revista: o resultado dos processos de avaliação e seleção dos artigos se torna visível nos textos publicados, indicando o estado da pesquisa naquele momento, seus vínculos com genealogias teórico-epistemológicas e proposições futuras; mostram quais são os objetos de destaque, bem como as abordagens teóricas e metodológicas em voga. Os resultados dos processos avaliativos têm, portanto, um resultado epistemológico: mostrar, no momento em que a revista é publicada, o que é “comunicação” dentro daquela perspectiva – uma contribuição não só aos temas específicos, mas ao debate sobre a própria área.

Referências

ALLEONI, Luis R. O importante papel do parecerista. **Arquivo Instituto Biológico**, São Paulo, v. 81, n. 1, p. 1, 2018. Disponível em:

http://www.biologico.sp.gov.br/uploads/docs/arq/v81_1/1-2.pdf. Acesso em: 18 set. 2023.

ARAÚJO, Claudio G. S. Carta-resposta do editor. **Arquivo brasileiro de cardiologia**, Brasília, v. 99, n. 1, p. 676-677, jan. 2012a.

ARAÚJO, Claudio G. S. Revisão por pares: um processo científico em constante aprimoramento. **Arquivo Brasileiro de Cardiologia**, Rio de Janeiro, v. 98, n. 2, p. 32-35, 2012b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abc/a/LSKbXKZ4pfhLrLQgxWZrmvy/>. Acesso em: 18 set. 2023.



BACHELARD, Gaston. **Ensaio sobre o conhecimento aproximado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

BAGCHI, Rajesh *et al.* A field guide to review process. **Journal of Consumer Research**, EUA, v. 43, n. 1, p. 860-872, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/319494236_A_Field_Guide_for_the_Review_Process_Writing_and_Responding_to_Peer_Reviews. Acesso em: 18 set. 2023.

BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana M. N. Publicar e morrer?! Análise do impacto das políticas de pesquisa e pós-graduação na constituição do tempo de trabalho dos investigadores. **Educação, sociedade e cultura**, Porto, Portugal, v. 28, n.1, p. 53-69, 2009. Disponível em: https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC28/28_lucidio.pdf. Acesso em: 18 set. 2023.

BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. “Reféns da produtividade”: sobre a produção do conhecimento, saúde dos pesquisadores e intensificação do trabalho na pós-graduação. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007, Caxambu. **Anais [...]** Caxambu: ANPED, 2007. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/refens-da-produtividade-sobre-producao-do-conhecimento-saude-dos-pesquisadores-e>. Acesso em: 18 set. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**. São Paulo: Unesp, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRAGA, José Luiz. Nem rara, nem ausente – tentativa. **Matrizes**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 20-35, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38276>. Acesso em: 18 set. 2023.

BRAGA, José Luiz. Neomaterialismo e antropológicas. **Galáxia**, São Paulo, n. 45, v. 1, p. 20-33, set./dez., 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/48186>. Acesso em: 18 set. 2023.

BRAIT, Beth *et al.* Nossos pareceristas: os bastidores da produção científica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 2-7, out./dez., 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/50948>. Acesso em: 18 set. 2023.

CASTEDO, Raquel; GRUSZYNSKI, Ana. A produção editorial de revistas científicas on-line: uma análise de publicações brasileiras da área da Comunicação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 271-287, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/16697>. Acesso em: 18 set. 2023.

DANI, Erzsebet. How “publish or perish” can become “publish and perish” in the age of objective assessment of scientific quality. **Systemics, cybernetics and informatics**, Florida, v. 16, n. 4, p. 20-25, 2010. Disponível em: <https://www.iiisci.org/journal/PDV/sci/pdfs/IP052LL18.pdf>. Acesso em: 18 set. 2023.



DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

DESLANDES, Suely; SILVA, Antonio A. M. Revisão por pares: crise de demanda ou mudança de valores? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 3, p. 421-423, mar. 2013. Disponível em: <https://cadernos.ensp.fiocruz.br/ojs/index.php/csp/article/view/5283>. Acesso em: 18 set. 2023.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Edusp, 2018.

FELINTO, Erik. Patologias no sistema da comunicação. In: FERREIRA, G.; MARTINO, L. C. **Teorias da comunicação**. Salvador: UFBA, 2007. p. 12-25.

FERREIRA, Jairo. Proposições que circulam sobre a Epistemologia da Comunicação. In: COMPÓS, 21., 2012, Juiz de Fora. **Anais [...]**. Juiz de Fora: UFJF, 2012. p. 1-17. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2012/trabalhos/proposicoes-que-circulam-sobre-a-epistemologia-da-comunicacao-alguns-sabores-dif?lang=pt-br>. Acesso em: 18 set. 2023.

FONSECA, Angélica F. Elaboração de parecer: uma atividade de interface entre ensino e pesquisa. **Trabalho em educação e saúde**, Rio de Janeiro, n. 13, v. 3, p. 555-563, set./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/6WfzNV7gKxfcGRP9chnpn8t/?lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2023.

FRANÇA, Vera R. V.; PRADO, José L. A. Comunicação como campo de cruzamentos, entre as estatísticas e o universal vazio. **Questões transversais**, São Leopoldo, v. 1, n. 2, p. 76-82, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/7659>. Acesso em: 18 set. 2023.

GANTER, Sarah A.; Ortega, Félix. The invisibility of latin american scholarship in european media and communication studies. **International Journal of Communication**, Annenberg, CA, v. 13, n. 1, p. 68-91, 2019. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/8449>. Acesso em: 18 set. 2023.

GUEDES, Ana L. Repensando a gestão editorial de periódico acadêmico no campo da Administração. **Cadernos EBAPE**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 486-491, out., 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/yfWVfJt5WdFwBPDJsRD77mL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2023.

GUINART, D.; FILIPPIS, R. It's covid o'clock: time to publish or perish. **British Journal of Surgery**, Londres, v. 108, n. 1, p. 44, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33640930/>. Acesso em: 18 set. 2023.

GÜNTHER, Elisabeth; Domahidi, Emese. What communication scholars write about. **International Journal of Communication**, EUA, v. 11, n. 1, p. 3051-3071, 2017. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/download/6989/2100>. Acesso em: 18 set. 2023.

HAGSTRÖM, Warren O. O controle social dos cientistas. In: DEUS, Jorge D. **A crítica da ciência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.



HOLTON, Gerald. **A imaginação científica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

IVO, Anete. As revistas acadêmicas em Ciências Sociais. **Novos Debates**, Brasília, v. 6, n. 1-2, p. 1-12, 2020. Disponível em: <http://novosdebates.abant.org.br/wp-content/uploads/2022/08/15.F.Anetelvo.pdf>. Acesso em: 18 set. 2023.

KUHLMANN Jr., Moysés. Produtivismo acadêmico, publicação em periódicos e qualidade das pesquisas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 45, n. 158, out./dez. 2015, p. 838-855. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/q9tzipKgD4ggsYFGSmyhd5NK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2023.

KUHLMANN Jr, Moysés. Publicação em periódicos científicos: ética, qualidade e avaliação da pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 44, n. 151, p. 16-32, jan./mar. 2014. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cp/a/q9tzipKgD4ggsYFGSmyhd5NK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2023.

LAGOZE, Carl *et al.* Should I stay or should I go? Alternative infrastructures in scholarly publishing. **International Journal of Communication**, Annenberg, CA, v. 9, n. 1, p. 1052-1071, 2015. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/2929>. Acesso em: 18 set. 2023.

LEVINE, Timothy. Ranking and trends in citation patterns of communication journals. **Communication Education**, Londres, v. 59, n. 1, p. 41-51, jan. 2010. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03634520903296825>. Acesso em: 18 set. 2023.

LIRA, Rodrigo; MORENO, Rafael M.; ROCHA, Eduardo. O número de citações de um periódico não aumenta através de um ato administrativo. **Arquivo Brasileiro de Oftalmologia**, São Paulo, v. 81, n. 5, p. 5, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abo/i/2018.v81n5/>. Acesso em: 18 set. 2023.

LODGE, David. **Scenes of academic life**. Londres: Penguin, 2005.

LOPES, Maria I. V. O campo da comunicação: reflexões sobre seu estatuto disciplinar. **Revistas USP**, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 46-57, dez./fev., 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32890>. Acesso em: 18 set. 2023.

LOPES, Maria I. V. O campo da comunicação: sua constituição, desafio e dilemas. **Famecos**, Porto Alegre, n. 30, v. 1, p. 16-30, ago. 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3372>. Acesso em: 18 set. 2023.

MARTINO, Luís M. S. A materialidade nos usos da teoria: esboço de uma cartografia das revistas científicas de Comunicação. In: INTERCOM, 43., 2020, Salvador. **Anais** [...] Salvador: UFBA, 2020. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/8089. Acesso em: 18 set. 2023.



MARTINO, Luis M. S. Genealogia dos Conceitos na Teoria da Comunicação: esboço de um panorama. **Revista Alaic**, Quito, v. 15, n. 1, p. 24-35, 2018. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/468>. Acesso em: 18 set. 2023.

MARTINO, Luis M. S. O diálogo entre fatores políticos e epistemológicos na formação do campo da comunicação no Brasil. **Folios**, Medellín, Colombia, v. 28, p. 159-175, 2012. Disponível em: <https://revistas.udea.edu.co/index.php/folios/article/view/15108>. Acesso em: 18 set. 2023.

MARTINO, Luís M.; MARQUES, Angela C. S. A afetividade do conhecimento na epistemologia. **Matrizes**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 217-234, 2018. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/140592>. Acesso em: 18 set. 2023.

MARTINO, Luiz C. Apontamentos epistemológicos sobre a fundação e a fundamentação do campo comunicacional. In: Capparelli, S. et al. **A comunicação revisitada**. Porto Alegre: Sulina, 2005. p. 31-45.

MARTINO, Luiz C. Ceticismo e inteligibilidade do campo comunicacional. **Galáxia**, São Paulo, n. 5, v. 1, abr., p. 53-67, 2003. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1313>. Acesso em: 18 set. 2023.

OLIVEIRA, Thaianie et al. Editorial: e se os editores de revistas científicas parassem? **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 2, p. 2-14, 2020a. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/45574>. Acesso em: 18 set. 2023.

OLIVEIRA, Thaianie. Acabou o quadriênio, e agora? **E-Compós**, Brasília, v. 23, set./dez., p. 1-17, 2020b. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2373>. Acesso em: 18 set. 2023.

PATRUS, Roberto; DANTAS, Douglas C.; SHIGAKI, Helena B. Pesquisar é preciso, publicar não é preciso. **Avaliação**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 799-820, nov. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/wq5zQVstkWVR4WVZCNpjkH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2023.

PERUZZO, Círcia K. Em busca dos objetos de pesquisa em comunicação no Brasil. In: WEBER, M. H.; BENTZ, I.; HOHFELDT, A. **Tensões e objetos da pesquisa em comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2002. p. 38-50.

PIMENTA, Francisco J. P. Jogos, redes sociais e a crise no campo da Comunicação. In: ABCIBER, 5., 2011, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2011. p. 1-16. Disponível em: https://abciber.org.br/simposio2011/anais/abciber2011_programacao.pdf. Acesso em: 18 set. 2023.

PINHO, José A. G.; CABRAL, Sandro; RIGO, Ariádne S. Organizações e sociedade: sobrevivência e consolidação de um periódico científico no Brasil. **Cadernos EBAPE**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 538-544, out., 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/dTzYbd3Hx8XrkdFL93dRWFr/>. Acesso em: 18 set. 2023.



ROMANCINI, Richard. Periódicos brasileiros em comunicação: histórico e análise preliminar. *In: INTERCOM*, 27., 2004, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/61986703354261081719219288772266862235.pdf>.

Acesso em: 18 set. 2023.

SIGNATES, Luiz. O que é especificamente comunicacional nos estudos brasileiros de comunicação na atualidade. *In: BRAGA, J. L. et al. (org.) 10 perguntas para produção do conhecimento em comunicação*. São Leopoldo: Unisinos, 2013. p. 10-22.

SILVEIRA, Fabrício. Cartografias possíveis: aspectos epistemológicos da circulação do conhecimento no campo da Comunicação. *In: INTERCOM*, 43., 2020, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: UFBA, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/4880>. Acesso em: 18 set. 2023.

STUMPF, Ida. Avaliação das revistas de comunicação pela comunidade acadêmica. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 25-38, jan./jun. 2003. Disponível em:

<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/11868>. Acesso em: 18 set. 2023.

STUMPF, Ida. Passado e futuro das revistas científicas. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 1-6, 1996. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/637>.

Acesso em: 18 set. 2023.

VAZ, Alexandre; ALMEIDA, Felipe; BASSANI, Jaison. Sobre os constantes desafios para um periódico científico e sua comunidade. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Ouro Preto - MG, v. 32, n. 2-4, p. 9-10, dez. 2010. Disponível em:

<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/1193>. Acesso em: 18 set. 2023.

WAKELING, Simon. Academic communities. **Journal of Documentation**, Nova York, v. 75, n. 1, p. 120-139, 2019. Disponível em:

<https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/JD-05-2018-0067/full/html>. Acesso em: 18 set. 2023.

ZANDONÁ, Claudiane; CABRAL, Fernanda B.; SULZBACH, Cintia C. Produtivismo acadêmico, prazer e sofrimento. **Perspectiva**, Erechim, v. 38, n. 144, p. 121-130, dez. 2014. Disponível em:

https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/144_457.pdf. Acesso em: 18 set. 2023.

ZUIN; Antonio A. S.; BIANCHETTI, Lucídio. O produtivismo na era do "Publique, apareça ou pereça": um equilíbrio difícil e necessário. **Cadernos de Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 158, p. 726-750, 2015. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/3294>.

Acesso em: 18 set. 2023.